

INTERFACES DA MISSÃO NO MUNDO GLOBALIZADO

Rafael Lopez Villaseñor

Resumo:

O texto quer responder às perguntas: Quais são os efeitos da mobilidade humana? Será que os pobres encontram-se em uma situação melhor ou pior? Quem se beneficia da globalização? Quais são as consequências para a missão *Ad-Gentes*? A globalização tanto divide quanto une, aumentando a diferença entre os que têm e os que não têm. Para tentar responder as questões apresentamos quatro aspectos que atingem a missão no contexto da globalização: as migrações como um fenômeno próprio do nosso tempo; a economia como elemento de exclusão social; a Internet como parte das novas fronteiras tecnológicas; finalmente, a necessidade do diálogo inter-religioso diante do pluralismo religioso no processo do mundo globalizado.

Abstract:

The text aims to answer the following questions: What are the effects of human mobility? Does the poor are in a better or in a worse situation? Who benefits from globalization system? What are the consequences for the mission Ad-Gentes? Globalization on the one hand divides, and on the other hand unites, increasing in this way the gap between poor and rich people. Trying to give an answer to these questions, we present four aspects that concern the Mission, in this context of globalization: migration as phenomenon of our days; the economy as an element of social exclusion; Internet as part of the new technological frontiers; finally, the need for inter-religious dialogue in a context of religious pluralism and in the globalized world process.

Introdução

O papa Francisco quer a Igreja em saída: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! (...) prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças¹” (EG, 49). Uma Igreja em saída é uma Igreja missionária que Evangeliza. Atualmente com o fenômeno da globalização, o desafio de uma Igreja em saída é mais complexo, pois as distâncias físicas são superadas, no entanto vem o desafio de superar as diferenças culturais e sociais, esta nova realidade leva a repensar a ideia de missão e a figura do missionário. Globalização, no sentido amplo, significa o alcance global do capital, dos grandes fluxos de capital e de pessoas, a ruptura de fronteiras. Contudo a globalização não se limita apenas ao econômico, mas também às dimensões sociais, culturais, políticas e religiosas². Logo, “a globalização, nada mais é que a extensão totalitária de sua lógica a todos os aspectos da vida”³.

¹ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

² PUI-LAN, Kwok. *Globalização, Gênero e Construção da paz*. São Paulo: Paulus, 2015, p 9-10.

³ BAUMAN Zygmunt. *Globalização, as consequências humanas*. Zahar: Rio de Janeiro, 1999 p 73.

A globalização tanto divide quanto une, aumentando a diferença entre os ricos e os pobres. Para aproximarmos do tema, a reflexão apresenta quatro pontos que atingem a missão “*Ad Gentes*” no contexto da globalização: as migrações como um fenômeno próprio do nosso tempo, a economia como elemento de exclusão social, a Internet como parte das novas fronteiras tecnológicas e o pluralismo religioso no processo de globalização.

A mobilidade humana como resultado da globalização

Através dos meios de comunicação observamos o fluxo migratório de seres humanos do norte ao sul, do leste a oeste, e dos campos à cidade, por motivos diversos. Alguns por causas econômicas, outros por fuga das repressões religiosas e políticas, assim como alguns pelas viagens exóticas, e outros pelos investimentos à exploração de recursos naturais, criando sociedades pluralizadas e reproduzindo as distintas faces dos seres humanos. Estamos todos em movimento, alguns mudando de lugar. Também não precisamos sair para viajar, é suficiente apenas entrar na Web, percorrê-la inserindo e mesclado na tela do computador mensagens vindas de todos os cantos do globo⁴.

Parece difícil, se não impossível, encontrar um país que de alguma forma não esteja envolvido com o fenômeno do vaivém das pessoas ou das migrações. Uns como lugares de origem, outros como lugares de destino e outros ainda como lugares de trânsito, sem falar de alguns que podem, ao mesmo tempo, representar as três funções⁵. Na globalização as pessoas estão cada vez mais em contato umas com as outras, do mesmo modo, etnias, raças, povos, religiões e nações sofrem alterações e passam a criar uma nova sociedade contemporânea, mais diversificada. Entre tanto, a globalização deve se reger também pela ética, colocando tudo a serviço da pessoa humana, criada a imagem e semelhança de Deus. (EG, 60).

O mundo globalizado relativiza as distâncias, por tanto ao termo de “*Ad-Gentes*”⁶ não é apenas entendido geográfico, mas também existencial. Existem outros tipos de distâncias como sociais, econômicas, existenciais... Os territórios tradicionais de missão deixaram lugar às áreas culturais, ou novos areópagos como âmbitos da missão “*Ad-Gentes*” (RM, 37)⁷ adquirindo novos sentidos. Também a missão não é mais do primeiro para o terceiro mundo como foi até alguns

⁴ Idem p 85.

⁵ ANDRADE, Joachim. Interculturalidade nas comunidades religiosas: novas formas de viver. In SUSIN Luiz Carlos (org.) *Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação*. São Paulo: Paulinas, 2015 p 129.

⁶ O termo *ad gentes* tem vários significados. De um lado, expressa o mandato explícito de Jesus de anunciar a Boa Nova a toda humanidade (cf. Mc 16,15) e a vontade de Deus de “salvar todos os seres humanos” (1Tm 2,4). Por outro, descreve, certa ambiguidade, a epopeia histórica da *missão* a todos os povos. O conceito está impregnado de uma forte visão discriminatória e etnocêntrica. Em latim existem duas palavras para dizer “povos”: *populi* e *gentes*. A primeira é referida, de alguma forma, ao “povo eleito”: “*populus Romanus victor dominusque omnium gentium*” – “o povo romano vitorioso e senhor de todas as nações”, declarou o filósofo Cícero. A segunda é dirigida aos povos bárbaros e *pagãos*, termo que também vem do latim *pagani*, que significa “rudes”, “toscos”, “camponeses”, “atrasados”. A partir desses pressupostos linguísticos e culturais, a missão cristã aos diferentes povos foi marcada por um senso de superioridade, pela negação do outro, pois os destinatários da missão não eram “todos” os povos, mas os povos considerados selvagens (que vivem na selva, no mato).

⁷ JOÃO PAULO II. (1991) *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Loyola, 1991,

anos atrás, esta realidade inverteu-se: muitas comunidades do primeiro mundo são hoje servidas por missionários da África, da América Latina e da Ásia.

Agora são os espaços sociais e não apenas físicos que determinam os âmbitos da missão. Por tanto a missão “Ad-Gentes” pode e deve ser realizada tanto na Europa quanto na América, na Ásia, na Oceania ou na África. O rosto do Velho Continente está mudando, recebendo imigrações de pessoas pertencentes às grandes religiões como o Islã, o Budismo, o Hinduísmo... por conseguinte a missão deve estar atenta às novas realidades. A interculturalidade e multiculturalidade fazem parte dos novos desafios da missão causados pela globalização. As migrações mudam os cenários religiosos.

A globalização faz emergir novos rostos pobres. Os rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da violência, da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados (as), os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar estas pessoas excluídas nas esferas a que correspondam (DAp, 402)⁸.

Parte significativa destes rostos descritos estão marcados por processos de mobilidade humana. Apesar das marcas do sofrimento pessoal e coletivo, nem sempre é fácil para a sociedade e mesmo o estado brasileiro, perceber que estas pessoas passam por inúmeras necessidades e que até mesmo os direitos mais elementares lhes são negados.

Os migrantes e refugiados fazem uma travessia em busca da garantia mínima da própria dignidade. As migrações internacionais mais que um fluxo natural de mobilidade humana, constituem um espelho das assimetrias das relações socioeconômicas vigentes em nível planetário. São termômetros que apontam as contradições das relações internacionais e da globalização neoliberal. São causas conhecidas e aceitas para o atual processo de mobilidade humana ocasionadas pela economia globalizada. O aumento das desigualdades entre Norte e Sul no mundo. A proliferação dos conflitos e das guerras entre outras causas.

O pano de fundo do atual movimento migratório é a globalização em suas diversas expressões, positivas e negativas. Descrevendo como a globalização neoliberal tem sido perversa para os empobrecidos, principalmente aqueles que não são nativos dos países do Norte desenvolvido. Além das guerras e dos massacres tribais, a proliferação de exércitos de guerrilheiros ou gangues de criminosos e traficantes de drogas posando de defensores da liberdade, ocupados em dizimar as fileiras uns dos outros, assim milhares de pessoas são tiradas de seus lares, assassinadas ou forçadas a buscar a sobrevivência fora das fronteiras de seu país e

⁸ CELAM. *Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

muitos deles forçados a serem refugiados. Sem falar nos jovens, que não conseguem emprego e não têm perspectivas sendo obrigados a migrarem em busca de melhores condições de vida.

Inumeráveis jovens do continente passam por situações que os afetam significativamente: as sequelas da pobreza, que limitam o crescimento harmônico de suas vidas e geram exclusão; a socialização cuja transmissão de valores já não acontece primariamente nas instituições tradicionais, mas em novos ambientes não isentos de uma forte carga de alienação; e sua permeabilidade às formas novas de expressões culturais, produto da globalização, que afeta sua própria identidade pessoal e social. São presa fácil das novas propostas religiosas e pseudo-religiosas. As crises, pelas quais passa a família hoje em dia, produzem profundas carências afetivas e conflitos emocionais (DAP, 444).

Muitas vezes, os migrantes são vistos como ameaça no mercado de trabalho e como responsáveis pelo aumento da violência. Com esta visão, os governos e a própria sociedade se tornam cada vez mais restritivos à entrada de estrangeiros e adotam como solução o estabelecimento de mais restrições, mais leis, iludidos de que ali está a forma de resolver a questão migratória, vista como problema. Migrar é uma decisão forçada que tem suas causas econômicas, sociais, políticas, naturais ou induzida pelas máfias do tráfico humano. Por isso, frente a esta forma de globalização, como cristãos somos chamados para promover uma globalização diferente, marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos (DAP, 64).

A globalização, sendo um termo aplicado primeiramente e principalmente à economia, é um fenômeno que atualmente abrange todas as áreas da vida das pessoas e das sociedades. Como a missão da Igreja pode contribuir na sociedade atual para que os efeitos negativos da globalização, sobretudo econômica, sejam neutralizados. A Igreja e a missão da igreja não podem estar de fora na reflexão sobre a globalização⁹.

Uma das características mais desconcertantes do mundo globalizado consiste na aceleração das mudanças culturais e tecnológicas. A expressão genérica, mudanças culturais, visando condensar um complexo de situações humanas geradoras de incerteza, desorientação e medo difuso presentes tanto na esfera pública das relações humanas quanto na privada. O sintoma de nossa desorientação dentro de um mundo que não mais compreendemos e que de resto nos priva de referenciais sustentáveis, é o dos pais carentes da mais elementar autonomia educativa. É irônico que uma das promessas e realizações parciais da modernidade, o princípio da autonomia individual, tenha desaguado na realidade sem leme e vela que é o barco da família contemporânea¹⁰.

⁹ Cf. GARCIA, L. M. *Missão Ad-Gentes e Globalização: Desafios para a Igreja no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo, 2006.

¹⁰ BAUMAN Zygmunt. *Vida em Fragmentos: Sobre a ética pós-moderna*. Zahar: Rio de Janeiro, 1999.

A globalização e a economia de exclusão

A globalização é a palavra de moda, é o destino irreversível do mundo, afeta a toda a humanidade, isto é, estamos todos sendo globalizados. A globalização tanto divide como une, as causas que causam a divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Um dos processos da globalização é a progressiva separação e exclusão¹¹. Este processo deu mais oportunidade aos extremamente ricos de ganhar dinheiro mais rápido. Utilizam a mais recente tecnologia para movimentar largas somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e especular com eficiência cada vez maior. Infelizmente, a tecnologia não causa impacto nas vidas dos pobres do mundo. A globalização é um paradoxo é muito benéfica para muitos poucos, mas deixa de fora dois terços da população mundial¹².

A globalização criou uma economia excludente em que grande parte da humanidade vive na pobreza. Os pobres são massa excludente, “são retratados como desleixados, pecaminosos e destituídos dos padrões morais”¹³. A mídia colabora ao apresentar, um público ávido por sensações, retratos chocantes de criminalidade, infetados pelas drogas e pela promiscuidade sexual que buscam abrigo em lugares públicos e ruas perigosas. Os pobres são os suspeitos de sempre, principalmente quando uma falha for detectada e revelada à sociedade.

Existe um forte contraste entre riqueza e pobreza, ricos e pobres, uns poucos têm muito e a grande maioria da população mundial não têm quase nada. Os pobres cada vez mais pobres vivendo na miséria e na marginalização coexistem com a riqueza e o desenvolvimento econômico. A vida econômica das grandes empresas multinacionais faz do mundo todo um grande supermercado, onde tudo se vende e tudo se compra. O Papa Francisco pede de dizer não a uma economia da exclusão, à economia que mata. O ser humano é visto apenas como um bem de consumo, descartável, resíduo, sobra.... Para se poder apoiar num estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença, uma cultura do bem-estar que nos anestesia, já não choramos à vista do drama dos outros, responsabilidade de outrem, que não nos incumbe (Cf EG, 53-54). Assim a adoração ao bezerro de ouro (Ex 32,1-35) encontra uma cruel versão no dinheiro, na economia sem rosto (Cf EG, 55-56).

A globalização financeira, com predomínio econômico coloca em segundo plano muitos aspectos do processo de aproximação das pessoas e das nações. A questão da mobilidade humana é tratada apenas como fluxo de mão de obra barata e mercantilista em função de interesses meramente econômicos e financeiros. O ser humano é reduzido a mercadoria, o que é degradante. O não pertencimento à sociedade de consumo transforma a homens e mulheres em sobrantes e descartáveis¹⁴. Em outras palavras, a sociedade moderna de produtores foi aos poucos transformada em uma sociedade de consumidores. Nessa nova realidade social, as

¹¹ Cf. BAUMAN Zygmunt. *Globalização, as consequências humanas* pp 7-8.

¹² Ibidem p.79

¹³ BAUMAN Zygmunt. *Vida para o consumo, a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p 162.

¹⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Zahar: Rio de Janeiro, 2007, p. 39.

pessoas se tornam ao mesmo tempo se tornam produtores de mercadorias e ao mesmo tempo também as próprias mercadorias que promovem.

A globalização segue a dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. A pobreza leva ao processo de degradação social que nega as condições mínimas de vida humana. A soma do resultado “fome igual a pobreza”, derivam outros fatores que “enfraquecem os laços sociais” e passam a destruir também, os laços afetivos e familiares¹⁵. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas sobretudo de informação e dos recursos humanos, o que produz a exclusão de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando as desigualdades que marcam tristemente nosso continente e que mantêm na pobreza uma multidão de pessoas. O que existe hoje é a pobreza de conhecimento e do uso e acesso a novas tecnologias. Por isso é necessário que os empresários assumam sua responsabilidade de criar mais fontes de trabalho e de investir na superação desta nova pobreza (DAp, 62).

Uma das consequências na era da globalização é a destruição sistemática do meio ambiente, especialmente dos países em desenvolvimento. “Os recursos da terra estão a ser depredados também por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva” (LS, 32)¹⁶. O afã de lucro das grandes empresas e multinacionais não respeita o hábitat das pessoas e dos outros seres vivos do planeta. Por isso é necessária uma reforma financeira, que deve ter uma mudança em favor dos pobres (EG, 58). Neste sentido o papa Francisco deseja uma Igreja comprometida com os pobres, pobre para os pobres, mas, além de ser pobre para os pobres, valente na hora de denunciar o atual sistema econômico, injusto desde a raiz (EG, 59).

O crescimento do poder dos grandes grupos econômicos multinacionais e o enfraquecimento da política faz com que o Estado perca importância e poder nas decisões internas e econômicas. A responsabilidade social do Estado reduz-se a combater a miséria com programas assistenciais sem atacar profundamente as causas profundas¹⁷. A globalização é formada por uma sociedade de consumidores. Parece que a identidade somente pode ser consolidada quando se adquire o objeto que todo mundo compra. Nessa realidade o consumidor entra em conflito pela amplitude das escolhas que estão disponíveis ao seu redor, a angústia da tomada de decisão correta frente às diversas alternativas, a responsabilidade pela decisão e o risco assumido, fazem o processo do consumo cíclico e interminável. O ser humano é considerado como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do descartável (Cf EG, 53). Entretanto, não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída” (EG, 53).

¹⁵ Cf. BAUMAN Zygmunt. *Globalização, as consequências humanas*, p 81.

¹⁶ FRANCISCO *Carta Encíclica Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

¹⁷ Cf. GARCIA, L. M. *Missão Ad-Gentes e Globalização: Desafios para a Igreja no Brasil*.

O poder econômico foi extremamente abalado e não existem maneiras de se governar a partir de ideologias políticas e interesses soberanos da nação. A globalização impõe seus preceitos de forma totalitária e indissolúvel, impondo pressões que o Estado não é capaz de dirimir, ou seja, alguns minutos bastam para que as empresas e a Nação entrem em colapso¹⁸.

Enfim, vivemos numa sociedade consumista, na qual a sociedade vê as pessoas na condição básica de consumidores, reforçando estilos de vida pautados em estratégias consumistas e rejeitando a formação cultural. Para Bauman¹⁹, ao longo da história os homens foram vistos e treinados como força de trabalho, agora o são para serem consumidores e frequentarem espaços como shoppings e ruas comerciais, agindo como que por vocação, não distinguindo classes, gêneros ou etariedade, onde todos consomem pelo status, e os ricos ratificam sua hegemonia e os pobres lutam para não serem humilhados totalmente. Portanto, consumir significa investir na auto afiliação social, almejando obter qualidades para ser pretendido, mesmo que isso seja um ato inconsciente. Na sociedade de consumo as pessoas escolhem quem querem ser, mas somente se tiverem condições financeiras para isto, o que é referenciado como uma espécie de liberdade e uma emancipação soberana; mas na verdade, é o inverso, pois o homem é destituído de sua subjetividade, enfraquecido e minado de suas raízes. Estas ações são legitimadas pelo neoliberalismo que confere amplos poderes ao mercado.

Bauman crítica o consumismo, afirmando que não é algo natural, mas determinado por instituições que o desenvolveram até chegar ao nível em que se encontra atualmente e, se na sociedade de produtores o trabalho tornou-se alienado, na sociedade de consumidores o consumismo recebe esta classificação. O consumismo associa felicidade à satisfação de necessidades criadas pelo sistema capitalista, em volume e intensidades crescentes, levando ao surgimento de um ambiente líquido moderno. Nesta perspectiva, as pessoas organizam suas vidas de acordo com significados que querem alcançar, num movimento que leva a alimentar-se de bens e de capitais que são instigados pelo signo presente em cada mercadoria.

A Evangelização diante as novas fronteiras tecnológicas

A globalização se caracteriza por uma sociedade dominada pelas tecnologias de informação, entre as quais destaca-se a Internet. A sociedade está conectada em rede, criando novos paradigmas nas relações sociais, econômicas e políticas. O comércio e a publicidade encontram na Internet um futuro promissor, enquanto as demandas políticas parecem também extravasar para o meio eletrônico das mais diferentes formas. Esse novo contexto digital trouxe rigorosas mudanças também, na maneira de conceber a Evangelização. Então, podemos nos perguntar: quais são as consequências das novas fronteiras para a Evangelização? Como fazer para que as novas tecnologias estejam a serviço da evangelização? Sem dúvida as novas plataformas de comunicação são um potencial para a Evangelização, mas se não forem bem usadas, podem ser

¹⁸ Cf. BAUMAN Zygmunt. *Globalização, as consequências humanas*, p 19.

¹⁹ Cf. BAUMAN Zygmunt.. *Vida para consumo*.

também ameaça. Trazem a vontade de conhecer, de se fazer conhecer e de novas relações humanas.

O desenvolvimento dos meios de comunicação, em especial a Internet, alterou a maneira de transmissão e recebimento da informação. Assim, até alguns anos atrás se pensava que o Evangelho tinha alcançado a maior parte do mundo, mas com a chegada das novas tecnologias, encontramos novas fronteiras que desafiam a evangelização, essa nova realidade vai além do tempo e do espaço físico. Na atualidade "as distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no mundo real²⁰".

Entretanto, a globalização ficou desterritorizada através das novas tecnologias. Hoje em dia essa globalização aparece de maneira clara e nítida por meio da Internet. O exemplo mais concreto da globalização desterritorizada é o Google, que aparece como onisciente, onipotente e onipresente. A empresa com quase reverência divina. Ela põe ao nosso alcance recursos até pouco tempo imagináveis, parece ser o modelo para tudo e a solução de todos os problemas. Inclusive o Google apresenta-se com a "missão consiste em organizar toda a informação do mundo e torná-la universalmente acessível e útil²¹".

Conhecimentos e informações na era digital são difundidos rapidamente e facilmente acessíveis, propiciando novas maneiras de pensar e aprender. As possibilidades oferecidas pelos novos meios são excelentes oportunidades inéditas de estabelecer relações e construir comunhão, mesmo se não dispensam reflexões, encaminhamentos e ordenamentos quanto às extraordinárias potencialidades da Internet e a complexidade de suas aplicações. A inteligência humana tem que estar a serviço do bem integral, tanto da pessoa quanto da humanidade. Aliás, as possibilidades de saber coisas com mais agilidade, não dispensando ninguém, nem as instituições de abraçar, mesmo com muitos investimentos a prática nesse areópago digital. A força de uma rede social marca a importância do conhecimento compartilhado e a interação. Em tempos de globalização, por exemplo, quem não tem Internet, e não está integrado nas redes sociais, está excluído em relação aos que possuem. Entretanto, as ferramentas tecnológicas se tornaram uma febre global que globalizam a humanidade.

Se analisarmos um pouco o tema, nos reparamos que, a empresa Google não é criadora ou autora dos conteúdos nem os hospeda diretamente em seus servidores. Mesmo que estes serviços sejam gratuitos, o Google hospeda os conteúdos nos seus computadores e utiliza as informações pessoais dos usuários para criar perfis de consumo que possa vender com lucro aos seus anunciantes. Vem daí sua responsabilidade

O Google não hospeda o conteúdo relevante. O conteúdo fica hospedado em servidores ao redor do mundo, executado por outros e a eles pertence. O Google simplesmente envia suas aranhas (um pequeno programa que 'rasteja' pela Internet, seguindo hyperlinks de um arquivo a outro) para que encontrem e

²⁰ BAUMAN Zygmunt. *Globalização, as consequências humanas*. Zahar: Rio de Janeiro, 1999 p19.

²¹ VAIDHYANATHAN Siva. *A Googleização de Tudo*. Cultrix, São Paulo, 2011 p.16.

copiem em seus próprios servidores, de modo que possa oferecer links para o conteúdo original por meio de pesquisa na rede²².

O poder cultural e comercial do Google ficou muito claro e evidente. A empresa tem todos os dados dos usuários, criando impactos positivos e negativos da concepção e da expansão para o mundo jornalístico e da publicidade²³. De tal modo a googelização atinge e globaliza três grandes áreas de interesse da conduta humana: “**nós**” através dos efeitos do Google sobre nossas informações pessoais, nossos hábitos, opiniões e juízos de valor; “**o mundo**” através da globalização de um estranho tipo de vigilância e daquilo que chamo de imperialismo infra estrutural; e “**o conhecimento**” por meio de seus efeitos sobre o uso de um vastíssimo agregado de conhecimentos acumulados em livros, bases de dados on-line e na Internet²⁴.

Ocorre que “quando usamos o Google para encontrar coisas na rede, o Google usa nossas pesquisas para encontrar coisas sobre nós”. A compreensão, portanto, é de que os usuários do Google são seus produtos e não seus clientes. De fato, “o negócio central do Google não é a simplificação das consultas, mas a venda de espaço publicitário”²⁵. Por meio da coleta de informações pessoais, esta empresa é capaz de agradar até mesmo as pequenas empresas, que precisam escolher seus anúncios com cuidado, por meio do apontamento de consumidores potenciais.

A venda de informações dos usuários às empresas de publicidade é a maneira como o Google ganha dinheiro. Enquanto coleta informações dos seus usuários para aperfeiçoar os resultados de sua ferramenta de pesquisa, o Google “vai se convertendo na lente através da qual vemos o mundo”. De tal modo, os internautas que frequentam sites de redes sociais têm mais em comum com o que podemos imaginar com sistemas de controle de imigração e recursos tecnológicos que permitem a empresas um atendimento cada vez mais personalizado a seus clientes²⁶. Por tanto, a empresa Google conseguiu a façanha de conquistar a credibilidade de seus usuários porque, de fato, possibilitou que a Internet passasse a ser utilizada de maneira prática e objetiva. Não se pode viver sem o Google pois sem ele a pesquisa na Internet seria tudo mais complicado e difícil:

Para quem vive mergulhado num oceano de dados, palavras, sons e imagens, o Google tornou-se uma benção. Mais do que nos guiar, ajudando-nos a encontrar

²² Ibidem p. 17.

²³ Na era anterior ao Google, as empresas criavam produtos que vendiam aos clientes por meio de uma propaganda que levava informações a compradores potenciais. O Google reconfigurou totalmente esse modelo. Seu próprio produto, como afirmei, é na verdade a atenção e a lealdade de seus usuários. Ao mesmo tempo que fornece a seus usuários as informações que eles procuram, aparentemente sem cobrar por elas, o Google coleta gigabytes das informações pessoais e o conteúdo criativo que milhões de usuários seus fornecem gratuitamente à rede todos os dias, e vende essas informações a anunciantes de milhões de produtos e serviços. Através de seu principal programa de publicidade, o AdWords, o Google faz um leilão relâmpago entre os anunciantes, para determinar qual deles será colocado no topo da lista de anúncios na parte superior ou inferior da coluna à direita de resultados de busca. Idem p.15.

²⁴ Ibidem p. 16.

²⁵ Idem p. 17.

²⁶ Cf BAUMAN Zygmunt, *Vida para consumo*.

respostas e oportunidades, ele elimina o ruído: ao parecer adivinhar com razoável exatidão aquilo de que realmente precisamos, o Google impede que nossa atenção seja desviada por milhões de documentos que poderiam atender às nossas necessidades. Portanto, neste começo do século XXI é quase impossível cogitar de uma vida privilegiada, conectada e relevante sem o Google, que se tornou uma parte necessária – aparentemente natural – de nosso cotidiano²⁷.

Existe uma ética seguida pela empresa, que tem como lema “não fazer o mal.” O Google não é mau, também não é bom e muito menos é neutro. O perigo seria a confiança excessiva depositada nele. Não nos torna mais inteligentes. Também não nos torna mais burros. É uma empresa de capital aberto, voltada para o lucro, que nos oferece conjuntos de ferramentas que podemos usar de maneira inteligente ou não²⁸. Parece que o algoritmo de busca do Google é tão inteligente que parece ler a mente do usuário, e com isso, fornecer respostas adequadas. O perigo ocorre quando o usuário passa a confiar demasiadamente nessas respostas como únicas possíveis²⁹.

O Google nos avalia e constrói seus sistemas e serviços de modo a satisfazer nossos desejos e fraquezas. Funciona para nós porque ele parece ler nossa mente e, em certo sentido, é o que faz. Ele adivinha o que uma pessoa está procurando com base nas buscas feitas por ela e por outros iguais a ela³⁰. Quanto mais o Google souber de nós, mais eficientes serão seus serviços de propaganda. Entender a natureza desse armazenamento de perfis e da segmentação do consumidor é o primeiro passo para entender a googlização de nós. Quanto o Google sabe sobre nós? Quantos dados ele conserva, quantos descarta? Por quanto tempo essas informações são mantidas? E por que motivo? Enfim, o Google é um sistema de vigilância quase universal, embora funcione de modo tão discreto que às vezes se torna praticamente imperceptível³¹.

O Google é uma empresa que joga nas regras da economia de mercado globalizado e faz isso muito bem, utilizando de forma estratégica as tecnologias que domina e produz. Embora seja uma empresa honesta e confiável do ponto de vista do mercado, seu poder e influência exacerba os defeitos e resíduos de um sistema injusto e verticalizado, potencializando as consequências das diferenças econômicas, tecnológicas e de poder, entre a empresa e seus usuários³².

Portanto, o mundo virtual cibernético, não é oposto ao mundo real, mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado. É um dos

²⁷ VAIDHYANATHAN Siva. *A Googelização de Tudo* p. 21.

²⁸ Ibidem p. 18.

²⁹ CAMAZZOTO & NASCIMENTO. “Googelização” da sociedade informacional como desafio para cibercidadani@. *Democracia Digital e Governo Eletrônico*, Florianópolis, nº 10, p. 59-75, 2014.

³⁰ VAIDHYANATHAN Siva. *A Googelização de Tudo* p. 66.

³¹ Ibidem pp 98-99.

³² CAMAZZOTO & NASCIMENTO. “Googelização” da sociedade informacional...

princípios vetores da criação da realidade³³, isto é, o virtual é parte do mundo real, tem suas consequências no real e vice-versa. Este não é desconectado da realidade, pelo contrário, trata-se de um espaço intermediário que faz parte da cultura contemporânea. O virtual tem suas implicações diretas com o mundo real. Inclusive, as redes sociais ao mesmo tempo em que informam, também deformam.

Enfim, a Internet traz muitas possibilidades, como a troca de experiências, o compartilhamento de informações em tempo real, o encurtamento das distâncias geográficas, além da comunicação ágil, direta e instantânea. Logo, devemos pensar como podemos usar as novas fronteiras tecnológicas globalizadas em prol da missão. Somos convidados à leitura adequada dos sinais dos tempos e para o discernimento com maturidade, para a utilização de forma benéfica as novas ferramentas, como a potencialidade da Internet, das redes sociais e das novas tecnologias. Algumas palavras como “perto” e “longe”, “dentro” e “fora”, perderam o sentido que carregavam antigamente referentes à geografia, e ganharam outra dimensão: certeza e incerteza, autoconfiança e hesitação, situações problemáticas ou não.

A necessidade do diálogo Inter-religioso no mundo globalizado

As migrações na atualidade mudaram o panorama religioso; por tanto os muçulmanos na Europa “cristã e secularizada”, são quase de dez por cento da população, claro deixando fora a Turquia. Na América Latina são mais de seis milhões de muçulmanos, destes, 1,5 milhões vivem no Brasil e 0,7 milhões na Argentina. Para além dos números, o islã tem, gradualmente, se tornada cada dia uma religião mais forte e mais globalizada através das migrações. Recentemente foram abertas mesquitas no México, na Colômbia e na Venezuela. Essa nova realidade leva a pensar a necessidade do diálogo Inter-religioso, em uma mudança de paradigma da missão. Logo vem o questionamento: como ser missionário num mundo multicultural e pluralista? A globalização para o missionário é trabalhar para que exista uma verdadeira comunhão entre as pessoas.

Portanto, a globalização reforçou o pluralismo religioso. Está nova realidade cria uma nova concepção da missão que a envolve no diálogo com as diversas religiões e compreensões plurais de vida. Para o missionário coloca-se o desafio de passar da tolerância religiosa para o reconhecimento da legitimidade das diversas religiões. É neste aspecto que a questão da missão se põe como um ponto delicado pois é na missão que o cristianismo, de certa forma, (re)constrói a sua identidade, se refaz, se relança para o futuro.

Diante do pluralismo religioso em tempos de globalização e grandes migrações, é cada vez mais necessário no trabalho missionário o diálogo ecumênico e inter-religioso. Com a modernidade, pode-se reivindicar a capacidade das religiões de se abrirem ao reconhecimento positivo umas das outras, o que se tornou hoje, para elas, um critério de legitimidade. De fato, no Ocidente “cristão”, a abertura ao outro, em grande parte imposta pelas condições históricas, deu origem ao ecumenismo e ao diálogo, exigência do pluralismo religioso no âmbito das Igrejas

³³ LÈVY, Pierre. *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34, 2003, p 17-18.

cristãos. De tal modo, no caso do diálogo inter-religioso, a construção da unidade no cristianismo tem como pressuposto o reconhecimento da legitimidade das diversas demissões cristãs.

A teologia do pluralismo religioso propõe um teocentrismo, segundo o qual o cristianismo deixa de ser o “único e exclusivo meio de salvação” e as religiões não cristãs aparecem como instâncias legítimas e autônomas de salvação, como religiões verdadeiras. O centro seria Deus e não Jesus Cristo³⁴. Este modelo sustenta que Cristo é o caminho, mas não o único caminho para chegar a Deus. Cristo não é o único mediador. A salvação não necessariamente tem de passar pela Igreja ou por Cristo³⁵. Outras mediações seriam mediações em-si, sem a necessidade de passar, ainda que implicitamente, por Cristo³⁶. As religiões seriam mediações em-si de salvação e o cristianismo seria também uma religião com estas características.

Não é a religião que salva; é Deus o único Salvador. Todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma por si mesma e a seu modo. Não há uma religião que esteja no centro do universo religioso. No centro está somente Deus, as religiões giram em torno de Deus³⁷. A ideia principal é Deus que se faz presente na história das culturas humanas e nas diversas tradições religiosas. Segundo Jacques Dupuis³⁸, há várias posições dentro da teologia, desde a que afirma que Jesus Cristo não é considerado constitutivo nem normativo da salvação, até uma forma moderada que resguarda o caráter normativo de Jesus Cristo, mesmo abandonando o seu traço soteriológico constitutivo e universal.

Uma corrente teológica sem ser exclusivista³⁹ ou inclusivista⁴⁰ acredita numa unicidade revelada de Jesus. Jesus vem se afirmando como único, mas de uma unicidade caracterizada por

³⁴ TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões, uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas. 1995, pp 58-59.

³⁵ A tese de Karl Rahner sobre os “cristãos anônimos” e as conclusões do Seminário de Bombay, na Índia, sobre o valor das religiões não-cristãs, no final de 1964, tinham difundido muita incerteza a respeito. O Concílio Vaticano II rebate firmemente com a tese clássica da doutrina, que existe um só Deus e um só Mediador, e que a Igreja é necessária para a salvação.

³⁶ Para Ranher “Cristão anônimo” diz respeito àquela relação “de certa forma anônima, mas real de cada pessoa individual com a concretude da história da salvação, assim sendo, também com Jesus Cristo existe e deve existir na pessoa, que ainda não fez, na fé e no sacramento, toda a experiência histórica concreta e expressamente refletida dessa realidade histórico-salvífica, mas que, todavia, possui de maneira apenas implícita, na obediência à sua orientação na graça, a relação existencial real com Deus da auto comunicação absoluta historicamente presente, à medida que essa pessoa aceita sem reservas sua própria existência, e precisamente no que aí, no risco dessa liberdade, não se pode calcular e controlar. Ao lado desse cristianismo anônimo, existe o cristianismo pleno, consciente de si mesmo na audição crente da palavra do evangelho, na profissão de fé da Igreja, nos sacramentos e no exercício expresso da vida cristã, que se sabe em referência a Jesus de Nazaré”. RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989, p. 360-361.

³⁷ VIRGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo Religioso: para uma releitura do Cristianismo*. São Paulo: Paulos, 2006, p 64

³⁸ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões, do desencontro ao encontro*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 109-111.

³⁹ O exclusivismo realça a confissão da própria fé ou a afirmação da posição religiosa pessoal, exclui a possibilidade de qualquer outra religião que compartilhe a verdade e o acesso à transcendência de forma igual. As outras tradições são vistas como diversos graus de erro e de confusão. Tal exclusivismo pode ser absoluto quando as outras tradições são vistas como sob o poder do mal ou vinculadas ao erro. Quando é menos categórico, reconhece elementos de verdade e valor fora da própria religião, mas mantém a afirmação de que só ela possui a verdade integral. No caso do catolicismo, a Igreja se define como a única depositária da verdade absoluta e da salvação, com caráter de validade

sua capacidade de incluir e ser incluído com outros personagens religiosos únicos. Sem Jesus não faltaria à graça de Deus e sim a manifestação decisiva da mesma⁴¹. Uma outra visão pluralista mais moderada considera o modelo teocêntrico como o mais promissor para uma válida reinterpretação da doutrina cristã e um diálogo religioso mais autêntico⁴². Para outros teólogos como Hans Kung⁴³, todas as religiões contêm verdades. Se uma religião é verdadeira não exclui a existência de verdades em outras religiões ou a “possibilidade das outras religiões virem complementar, corrigir e aprofundar a religião crista”.

Como consequência da elaboração de uma teologia pluralista surgiu o ecumenismo e o diálogo inter-religioso que aponta e demonstra a possibilidade de um horizonte de conversação alternativa; indica que a violência religiosa não faz parte da essência da religião, mas constitui um desvio ou traição do dinamismo mais profundo que anima a relação do ser humano com o Absoluto. Baseia-se na consciência viva do valor da alteridade e da riqueza da diversidade. Sem desconhecer a singularidade das diferenças, o diálogo aposta na possibilidade da renovação das relações inter-religiosas pelo encontro. Haveria um conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento. Este relacionamento inter-religioso ocorre entre fiéis que estão enraizados e comprometidos com sua própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado com a diferença⁴⁴.

O Papa Francisco solicita uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas, diz o papa. Assim aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio (EG, 250). A verdadeira abertura para o diálogo com as outras religiões implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas disponível para compreender as do outro e sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos. “Longe de se contraporem, a evangelização e o diálogo inter-religioso apoiam-se e alimentam-se reciprocamente” (EG, 251).

exclusiva e universal para todos os tempos e povos e todos aqueles que não pertencem a ela estão no erro e na ignorância religiosa.

⁴⁰ O inclusivismo tem uma visão positiva com relação às outras religiões e crenças e reconhece nelas a mediação salvífica, embora de maneira deficiente e incompleta. Alguns teólogos pensam que as religiões não-cristãs vão ao encontro do Cristianismo, mesmo sem o saber. Elas contêm de forma parcial os ensinamentos divinos que se tornaram visíveis em Jesus Cristo. Esta posição teológica é a mais adaptada pelo cristianismo, pela teologia e pelos Documentos da Igreja.

⁴¹ Nesta corrente o principal representante é o teólogo evangélico John Hick.

⁴² O principal representante é o teólogo Paul Knitter. Ele faz uma clara distinção entre Reino de Deus e Igreja com objetivo de superar o exclusivismo e assim chegar ao pluralismo.

⁴³ KUNG, Hans. *A igreja*. São Paulo: Paulinas 1981, p. 367.

⁴⁴ Cf. TEIXEIRA. *Teologia das religiões, uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995, p 188.

O diálogo inter-religioso não se constitui em algo isolado ou conjuntural. Trata-se, antes de tudo, de uma opção de vida, de uma atitude permanente frente ao fato religioso plural. É um projeto teológico de longo alcance e uma experiência inter-espiritual inseparável das experiências de libertação. O diálogo deverá desembocar na elaboração de uma teologia das religiões que seja libertadora, ou seja, que recupere os elementos libertadores presentes em todas as tradições religiosas, e não somente na religião cristã. Estando o próprio Deus presente em todas as religiões, a atitude deveria ser a minha religião é verdadeira, mas também a tua. Deus é sempre maior do que a nossa compreensão; por isso, devemos completar-nos.

O diálogo inter-religioso acontece especialmente com as três grandes religiões monoteístas (DAP, 137), formadas pelo judaísmo, pelo islamismo e pelo cristianismo. Dentro do cristianismo, há reconhecimento e gratidão ao povo judeu, que nos une na fé no único Deus e sua palavra revelada no Antigo Testamento. “São muitas as causas comuns que na atualidade exigem maior colaboração e respeito mútuo” (DAP 235). Apesar dos desencontros, os judeus são considerados irmãos na fé bíblica. O diálogo inter-religioso se dá entre religiões e crenças diferentes, no qual as religiões devem se encontrar num plano de igualdade para “explicitar e promover a salvação já operante no mundo” (DAP, 236). O diálogo, não se realiza na problemática exclusivamente religiosa, mas assume a sua corresponsabilidade na resposta aos problemas da humanidade como “a colaboração para o bem comum, supere a violência, eduque para a paz e para a convivência cidadã” (DAP 239). Aliás, “o diálogo inter-religioso é necessário para a paz no mundo” (EG, 251). Neste mesmo nível se dá o diálogo na América Latina entre cultura negra e fé cristã com suas lutas pela justiça social (Cf DAP, 533).

O dialogar com outras religiões “não significa que se deixe de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas” (DAP, 238). Entretanto, o diálogo não pode ser uma forma de proselitismo; não se trata de uma competição por mais adeptos. Trata-se de encontrar pontos em comum entre os cristãos com as outras religiões e crenças sem pretender fazer nenhum tipo de proselitismo. Dentro das grandes religiões o Cristianismo e o Islamismo são as principais crenças que enfatizam o desejo de conversão ou proselitismo. O budismo promoveu a conversão no passado e ainda exibe níveis modestos de atividade missionária. O judaísmo dificilmente permite a conversão de novos adeptos, embora a admita, não a encoraja.

Para dialogar com o Islã é indispensável a adequada e profunda formação. O papa pede para que nós, cristãos acolhamos com afeto e respeito os imigrantes do Islã que chegam aos nossos países, tal como esperamos e pedimos para ser acolhidos e respeitados nos países de tradição islâmica. “Frente a episódios de fundamentalismo violento que nos preocupam, o afeto pelos verdadeiros crentes do Islã deve levar-nos a evitar odiosas generalizações, porque o verdadeiro Islã e uma interpretação adequada do Alcorão opõem-se a toda a violência” (EG, 253). Enfim, a mobilidade humana, os meios de comunicação social, as novas tecnologias, o conhecimento das diferentes culturas, forma-se uma realidade de pluralismo religioso mais próxima, que desafiam os paradigmas da missão Ad-Gentes.

Considerações finais

Vivemos num mundo globalizado, que desafia para uma visão universal dos problemas mundiais e econômicos. Somos cidadãos mundiais que precisam cuidar do planeta-casa e da humanidade-família. Hoje, o cristão é chamado, mais que nunca, por vocação, mais do que qualquer outra pessoa, a ser universal; pessoa que tem responsabilidade não só sobre si e sua comunidade, mas sobre o mundo inteiro através de suas opções, suas atitudes, sua consciência e seus compromissos. Numa época de globalização como a nossa, não é mais possível pensarmos apenas, em termos locais, regionais, nacionais ou continentais. É preciso, portanto, nos educar a uma espiritualidade universal, o que significa pensar mundialmente e agir localmente.

Como consagrados vem a pergunta: num mundo globalizado, numa econômica que gera exclusão social: como viver o voto de pobreza? Como deve ser um "voto de partilha" com os membros da comunidade e vivido na opção preferencial pelos pobres. Para os religiosos e as religiosas a vida e a missão é confiada firmemente na Providência. A confiança na Providência nos convida para a gratuidade e nos afasta da ansiedade, da passividade e de toda forma de atividade puramente comercial. Como entender a Divina Providência em tempos de globalização e exclusão social? Está claro, que hoje este conceito tem diferentes sentidos de acordo com a realidade europeia, asiática, africana e latino americana, portanto devem ser contextualizados. O voto de pobreza não deve ser entendido como voto de dependência em que é preciso esperar tudo sem esforço. A dependência não é o propósito do voto de pobreza. Na prática, ele se tornou um voto de partilha, de manter todas as coisas em comum, uma forma de participar da sorte de cada um junto a um grupo com o qual se compartilhavam ideais, vivido na opção preferencial pelos pobres. "A posse privada dos bens se justifica somente para que sirva melhor o bem comum, pelo qual a solidariedade deve caminhar com a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde" (EG, 189).

No mundo globalizado o pluralismo religioso é um desafio positivo no campo missionário. Sabemos que as religiões exercem uma determinada função na salvação, enquanto são portadoras da presença do mistério de Cristo, do qual a Igreja católica não possui monopólio. Em outras palavras: se os membros das outras religiões se salvam não é apesar de sua pertença a tal ou qual tradição religiosa.

Também o ciberespaço deve ser um instrumento que trabalhe em favor da animação missionária, facilitando e agilizando a vida. Sabemos que o uso indiscriminado e sem limites pode ser prejudicial. Cabe perguntarmos: como cuidar para não cair no vício do uso excessivo de horas que poderiam ser utilizadas em outras atividades ainda mais produtivas, estimulantes, necessárias? Cabe salientar as redes sociais trazem inúmeras possibilidades, como a troca de experiências, o compartilhamento de informações em tempo real, o encurtamento das distâncias geográficas, além da comunicação ágil, direta e instantânea.

Como missionários somos chamados acolher o novo e aceitar que os paradigmas da missão vão mudando e, portanto, também tempos que adaptar o anúncio do Evangelho a esta nova realidade.